

O tocante
'Um Poeta' é
destaque em
Marrakech



Casa de Rui
Barbosa
promove
festa literária

PÁGINA 6



Matheus
Solano
apresenta solo
'O Figurante'

PÁGINA 7



#cm

2

QUARTA-FEIRA

Obra-prima de Belchior,
'Alucinação' abre a série
da Universal Music que vai
relançar álbuns clássicos
da MPB de seu catálogo
lançados em 1976



Divulgação

No tempo em
que a gente
sonhava

Por AFFONSO NUNES

O ano de 1976 é frequentemente apontado como um momento excepcional da música popular brasileira, quando uma safra de álbuns definitivos redesenhou os contornos da canção nacional. Dona de uma das maiores catálogos de nossa canção Popular, a Universal Music Brasil prepara uma série de relançamentos que revisita grandes obras daquele período, todas completando agora cinco décadas. O primeiro disco escolhido para inaugurar o projeto Safra 76 é "Alucinação", segundo trabalho do compositor cearense Belchior, que chega ao mercado em edição especial em vinil. O álbum cristaliza o espírito de uma época marcada pelo confronto entre a desilusão com os sonhos da década anterior e a necessidade urgente de encontrar novos caminhos para a criação artística. **Continua na página seguinte**

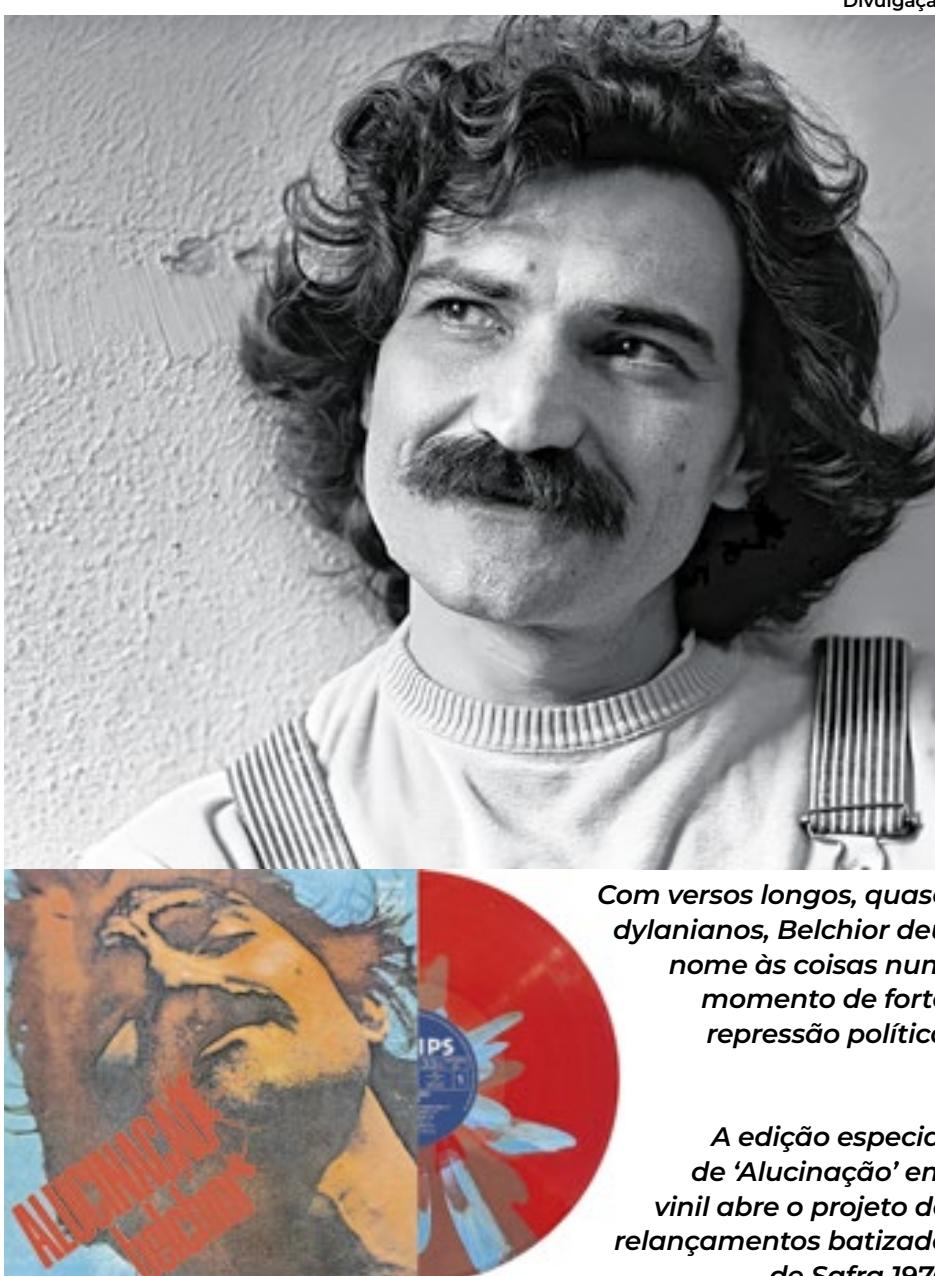
Um artista que não negocia com o romantismo

Anatureza da alucinação proposta por Belchior já se revela na faixa-título do disco, que abre o lado B do LP. Ali, o bardo cearense oferece a chave interpretativa do trabalho quando canta que sua alucinação é suportar o dia a dia e que seu delírio está na experiência com coisas reais. Uma declaração de princípios que descartava qualquer tipo de romantismo escapista em tempos difíceis. O trabalho se escora numa poética do choque com o concreto, um realismo que não negocia subterfúgios líricos ou idealizações consoladoras.

Compreender “Alucinação” exige situá-lo no ressaca cultural que marava aquele momento. Depois dos sonhos utópicos dos anos 1960, com a liberação sexual, as experiências psicodélicas, a resistência artística contra a ditadura militar e a explosão criativa dos festivais, chegara o despertar amargo. John Lennon já havia anunciado que o sonho acabara, e no Brasil a ditadura recrudesceu violentamente a partir do AI-5, inaugurando os chamados anos de chumbo. É nesse território de desencanto com o passado recente, por um lado, e de sede de futuro, por outro, que Belchior construiu este trabalho seminal.

O disco funciona como uma proposta de reorganização da MPB diante de um país e um tempo que não permitiam ilusões. Belchior abandona deliberadamente o simbolismo difuso que marcara a década anterior e aposta numa escrita direta, urbana, carregada de elementos autobiográficos e crítica social. Sua poética se alinha com uma vertente da contracultura que ganhava força na música brasileira daquele momento, mais interessada em nomear as coisas do que em rodeá-las com metáforas.

A urgência desse projeto se manifesta formalmente: versos longos, quase falados, e um vocabulário que aproxima a canção da linguagem cotidiana. “Apenas Um Rapaz Latino-Americano”, que abre o álbum, é uma autodescrição sem disfarces na qual



Com versos longos, quase dylanianos, Belchior deu nome às coisas num momento de forte repressão política

A edição especial de 'Alucinação' em vinil abre o projeto de relançamentos batizado de Safra 1976

o artista apresenta seu chão geográfico, sua geração, sua condição financeira e seu lugar na sociedade. A canção inclui ainda uma ironia dirigida ao “antigo compositor baiano” — referência a Caetano Veloso que sinalizava a visão de Belchior de que era preciso superar a geração anterior da MPB. A produção de Marco Mazzola, apoiada nos teclados e arranjos de José Roberto Ber-

trami (do Azymuth), consolida a linguagem híbrida do disco. O álbum cruza elementos da música regional nordestina com o léxico elétrico da metrópole, resultando numa sonoridade que transita entre folk, blues, soul e baião. Essa mistura reforça a própria experiência narrada nas letras: a travessia do Nordeste ao Sudeste, o choque com a cidade grande, a fricção entre expectativa e realida-

de. Em “Fotografia 3x4”, o triângulo tocado devagar sublinha a memória dura da chegada ao Rio; em “Não Leve Flores” e “Antes do Fim”, a presença do country surge como comentário sobre deslocamento e destino; em “A Palo Seco”, a estética sem ornamentos casa perfeitamente com o projeto poético de um “canto torto feito faca”.

A capa, fotografada por Januário Garcia e tratada com efeito de solarização pela equipe da gravadora, sintetiza essa travessia: um retrato urbano, direto, sem glamour, coerente com o realismo cru do álbum. Duas composições de “Alucinação” alcançaram grande repercussão quando gravadas por Elis Regina naquele mesmo ano: “Como Nossos Pais” e “Velha Roupa Colorida”. Essa circulação ampliada ajudou a empurrar o disco para o centro da vida cultural brasileira, garantindo vendas expressivas já nas primeiras semanas.

A recepção crítica em 1976, porém, dividiu-se: enquanto parte da imprensa enxergava no trabalho uma renovação formal — com suas letras extensas, dicção dylaniana e mistura de gêneros —, outra vertente considerava o disco excessivamente obsessivo em sua busca pelo novo. Essa fricção explica, em parte, a permanência de “Alucinação” como objeto de debate.

Cinco décadas depois, o álbum segue como marco por ter transformado o desencanto numa linguagem própria e por ter ancorado a canção num realismo que dialogava com a experiência concreta da juventude da época. Entre as faixas que compõem o disco estão também “Sujeito de Sorte” e “Velha Roupa Colorida”, que ao lado das já mencionadas formam um conjunto impressionante de composições que, mesmo sendo retratos de uma época, souberam se manter ao longo do tempo.

O relançamento em vinil recoloca esta obra-prima como documento desse momento histórico, mas também como obra que continua a falar ao presente pela clareza, pela coragem estética e pela recusa em fugir da realidade. Até o fim de 2026, a série “Safra 76” deve trazer ainda os álbuns “Cartola” (1976), “Cuban Soul: 18 Kilates”, de Cassiano, e “Falso Brilhante”, de Elis Regina, todos em edições especiais.

Oasis 'exorciza' os fantasmas de uma geração

"Oasis Live '25"
marcou fim do hiato de 16 anos da banda, emocionando São Paulo com dois shows catárticos

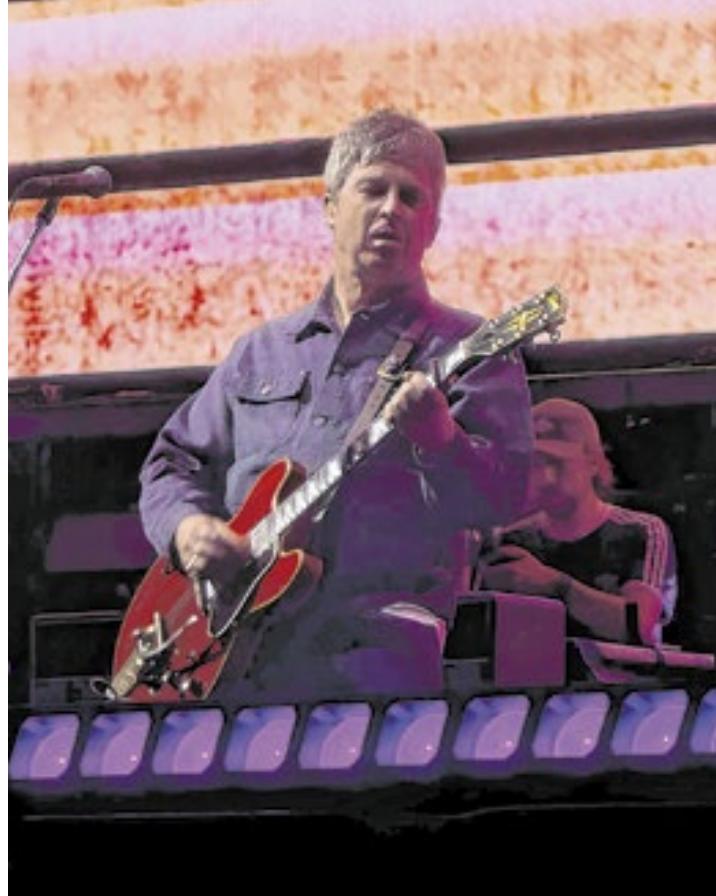
Por Pedro Sobreiro

Após 16 anos de espera, os fãs da banda Oasis puderam, enfim, exorcizar o fantasma de verem a banda ao vivo no Brasil. O grupo havia terminado em 2009 por conta de mais uma briga entre os irmãos Liam e Noel Gallagher. Desde então, os dois voltaram ao Brasil algumas vezes para apresentações separadas, o que serviu aos fãs, mas ainda faltava a experiência de ver a banda completa novamente.

Em 2024, pegando todos de surpresa, os irmãos Gallagher anunciaram sua reconciliação. Uns dizem que foi por conta da promessa de Noel pela conquista inédita da Champions League do Manchester City, que aconteceu em 2023; outros dizem que foi por uma conversa com o guitarrista Paul "Bonehead" Arthurs; alguns citam as dívidas do divórcio de Noel e a promessa de arrecadação superior a 50 milhões de libras pela turnê como um grande facilitador da reconciliação. Mas o que importa para os fãs é que eles voltaram e anunciaram a turnê mundial Oasis Live '25.

Iniciada em 4 de julho deste ano, a turnê passou por País de Gales, Inglaterra, Escócia, Irlanda, Canadá, Estados Unidos, México, Coreia do Sul, Japão, Austrália, Argentina e Chile até ser oficialmente encerrada no Brasil, com dois shows já lendários no Morumbi, em São Paulo.

Entre 22 e 23 de novembro, o Oasis levou ao estádio cerca de 140 mil fãs, sendo mais de 68 mil só na primeira noite. Nos arredores do estádio, o clima era diferente. Havia uma certa tensão no ar, misturada com as diferentes emoções que tomavam os presentes. Dentre aque-

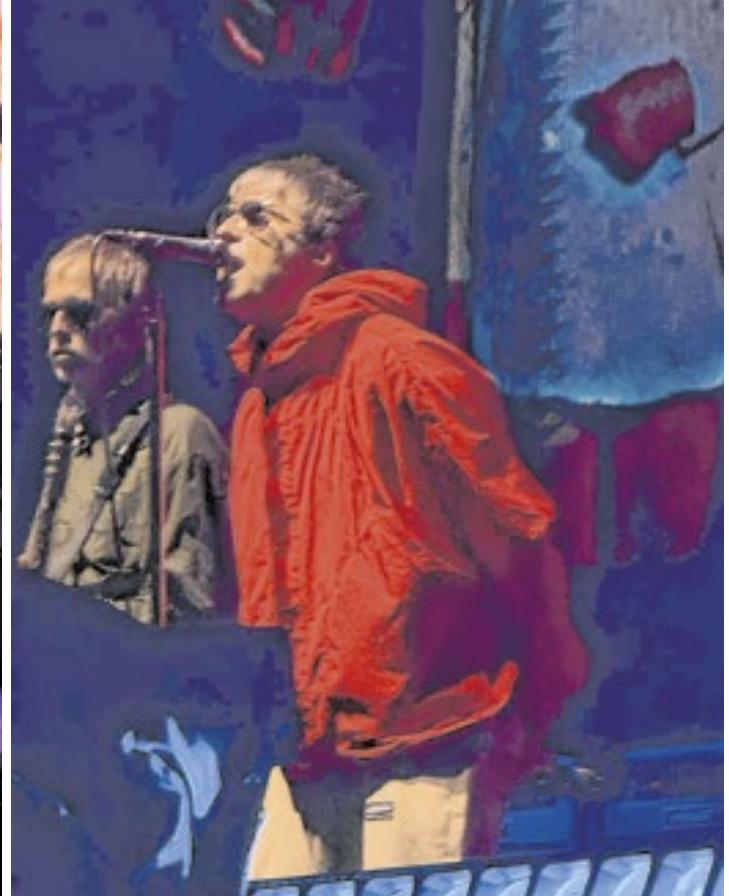


Noel brincou com as reações emocionadas dos fãs presentes ao Morumbi; Liam Gallagher afirmou que os fãs brasileiros fizeram o Oasis se sentir 'a maior banda do mundo'

les que já haviam visto shows da banda antes e aqueles que estavam ali para vê-los pela primeira vez, era possível perceber a emoção estampada nos rostos de todos que adentravam o estádio. Havia gente do mundo inteiro ali, incluindo fãs que rodaram o planeta seguindo a turnê de sua banda favorita.

Quem chegou cedo cansou de ver as lágrimas de emoção dos fãs que, enfim, estavam vivendo um sonho que muitos sequer tratavam mais como possível, tamanha a seriedade das brigas dos irmãos Gallagher. A ansiedade era tanta que até mesmo um comercial da Adidas, uma das principais parceiras da turnê, foi celebrado como se fosse uma prévia do que viria dali a alguns momentos.

A abertura, com Richard Ashcroft, outra lenda do Britpop, já foi muito celebrada, principalmente com o hit "Bitter Sweet Symphony", mas todas as atenções estavam voltadas para o Oasis. E assim, no segundo em que Liam e Noel subiram no palco, um mundo



próprio foi criado. Por cerca de duas horas, no Morumbi, existiam apenas o Oasis e seus fãs. O que acontecia no mundo exterior não importava.

Era uma realidade própria embalada pelos maiores sucessos do grande ícone do Britpop dos anos 90. Para onde se olhava, milhares de histórias de vida se externavam em lágrimas, traduzindo as emoções vividas por tantos ao som desses hits.

Nessa troca de energias e memórias entre artistas e fãs, Liam se declarou ao público brasileiro e disse que eles fizeram com que o Oasis se sentisse a "maior banda do mundo". Hits como "Don't Look Back in Anger" e "Wonderwall" foram cantados em uníssono, em meio a um mar de celulares ansiosos por registrarem aqueles momentos únicos.

Ao fim dos shows, com públicos extenuados e maravilhados com o que acabaram de viver, Liam e Noel encerraram a turnê com um simbólico abraço entre eles antes de se

despedirem no palco.

Fim da linha?

O abraço dos irmãos Gallagher no palco do Morumbi pode ser ainda mais significativo. Isso porque os shows em terras brasileiras podem ter sido os últimos da história da banda, que ainda não confirmou sua continuidade após o fim da turnê.

Alimentando ainda mais os rumores da possível despedida, o guitarrista "Bonehead" postou um vídeo agradecendo o apoio dos fãs em sua "Last Dance" (última dança, em tradução literal), termo que é utilizado em despedidas de grandes ícones dos esportes.

Fato é que ainda não dá para saber se os shows de São Paulo foram os últimos do Oasis, mas diante das apresentações catárticas que os fãs vivenciaram, o futuro não é uma preocupação no momento. Eles querem apenas ficar revivendo as memórias dessas duas noites eternizadas na história.

Nathália Sobral

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Epor uma questão de tostões (e de tempo) que “Wicked: Parte II” (“Wicked: For Good”) ainda não se encontra o ranking abaixo, das maiores arrecadações mundiais de 2025. Sua estreia, no fim de semana passado, foi de arrancar sorrisos das redes exibidoras, com uma arrecadação estimada em US\$ 226 milhões em seus primeiros três dias em circuito. De quinta-feira passada até hoje, à força de uma montanha de tíquetes vendidos planeta adentro, a sequência do musical derivado de “O Mágico de Oz” disparou na corrida pelo Oscar 2026, agendado para 15 de março, no Dolby Theatre, em Los Angeles. No dia 22 de janeiro, saem as indicações. Estima-se desde já a presença da produção dirigida por Jon M. Chu (do sucesso “Podres de Ricos”). Ela é adaptada do espetáculo homônimo da Broadway lançado em 1995 por Winnie Holzman e Stephen Schwartz, com base no romance “Wicked: The Life and Times of the Wicked Witch of the West”, de Gregory Maguire.

O primeiro “Wicked”, de 2024, custou uma baba (US\$ 150 milhões), mas já faturou uma baba ainda maior (US\$ 758,7 milhões) e ganhou os Oscars de Direção de Arte e Figurino. Espera-se mais – bem mais – de sua sequência.

Pelo planisfério cinéfilo adentro, seu faturamento tem sido dos mais sólidos, apoiado em sua exuberância visual e canora, em especial quando Cynthia Erivo e Ariana Grande põem toda a potência de seus diafragmas em xeque. Aliás, já anda rolando um “já ganhou!” em torno de Erivo, como Melhor Atriz, por seu desempenho (ainda melhor do que no original) num filme que tem tudo de que Hollywood gosta - e de que precisa - nestes tempos marcados por discursos inclusivos e pleitos pela diversidade. Pontuado por um discurso antirracista, o filme narra a saga da Bruxa do Oeste celebrizada em “O Mágico de Oz”, na literatura e no clássico filme de 1939, com Judy Garland de Dorothy.

Erivo esbanja carisma no papel de Elphaba, uma jovem estudante de magia incompreendida por conta de sua pele verde. Em sua formação nas artes mágicas, conhece Galinda (Ariana), uma jovem popular, que a hostiliza de início, mas não tarda a se afeiçoar pela colega. Após um encontro com o Maravilhoso Mágico de Oz (Jeff Goldblum, impagável em cena), a amizade delas chega a uma encruzilhada. Nessa trajetória, a plateia se embevece com canções que anestesiaram o peito, em coreografias que desafiam as leis da



Giles Keyte/Universal Pictures

Cynthia Erivo chega devastadora para a corrida dos Oscars com ‘Wicked II’, com direção de Jon M. Chu

Varre, vassourinha de Oz!

Pavimentando uma estrada milionária em circuito, o musical ‘Wicked: Parte II’ desponta no pódio para se tornar um dos líderes de bilheteria do ano e faturar Oscars

RANKING GLOBAL DE ARRECADAÇÃO 2025*

1. “Ne Zha 2 – o Renascer da Alma”: US\$ 2 bilhões
2. “Lilo & Stitch”: US\$ 1 bilhão
3. “Um Filme Minecraft”: US\$ 957,9 milhões
4. “Jurassic World: Recomeço”: US\$ 868,8 milhões
5. “Demon Slayer: Kimetsu no Yaiba – Castelo Infinito”: US\$ 661,7 milhões
6. “Como Treinar O Seu Dragão”: US\$ 636,2 milhões
7. “FI: O Filme”: US\$ 631,4 milhões
8. “Superman”: US\$ 616,7 milhões
9. “Missão: Impossível – O Acerto Final” - US\$ 598,7 milhões
10. “Quarteto Fantástico: Primeiros Passos” - US\$ 521,8 milhões

*Números obtidos em 24/11/2025

gravidade.

Se “Wicked: Parte II” se firmar como a máquina de fazer dinheiro que parece ser, seu cacife da briga por vários Oscars – em especial os de Maquiagem & Cabelo e Montagem – há de crescer. Uma de suas estrelas, Michelle Yeoh, será homenageada na Berlinale, em fevereiro, com o Urso de Ouro Honorário, o que vai ampliar a visibilidade do trabalho de Jon M. Chu.

Vale lembrar que o líder em faturamento do cinema este ano foi a animação chinesa “Ne Zha 2 – o Renascer da Alma”, com cerca de US\$ 2 bilhões em sua receita. Neste fim de semana, a panela de pressão do audiovisual em relação a frequência em sala deve mudar com a chegada de “Zootopia 2”, da Disney. Agora parceiros inseparáveis, a coelha Judy Hopps e a raposa Nick Wilde enfrentam o desafio mais perigoso de suas carreiras: solucionar os rastros deixados por Gary, uma serpente misteriosa.

No cinema brasileiro, estima-se que “O Agente Secreto” ultrapasse a marca do milhão em poucos dias e vire um dos líderes do pódio dos longas de maior procura no país. A estreia nacional do ano de maior receita até aqui foi “Chico Bento e a Goiabeira Maraviosa”, com um milhão de pagantes. Vale lembrar que “O Auto da Comadecida 2”, que totalizou 4,4 milhões de ingressos vendidos, e o oscarizado “Ainda Estou Aqui”, que vendeu 5,8 milhões de entradas, iniciaram suas carreiras em salas de cinema no ano passado.



Divulgação

'Um Poeta' venceu os Horizontes Latinos de San Sebastián

De Medellín para o Marrocos

Vencedor dos Horizontes Latinos de San Sebastián, 'Um Poeta' põe a Colômbia no epicentro do Festival de Marrakech e rumo ao Oscar, representando seu país aos olhos de Hollywood

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Prestes a inaugurar sua edição de número 22, com um Gus Van Sant inédito em sua arrancada ("63 Horas de Pânico"), o Festival de Marrakech montou, em paralelo à sua competição oficial, uma seção chamada Horizontes, que só vai ter medalhão autoral internacional da direção: é Claire Denis; é Ildikó Enyedi; é Jim Jarmusch; é Richard Linklater; é Jafar Panahi; é Park Chan-wook. No meio dessa patota com vasta quilometragem, a América Latina entra em jogo, via Colômbia, com "Um Poeta", de Simón Mesa Soto.

Há uns seis meses, esse longa-metragem, projetado no Festival do Rio, não para de dar alegria para o continente. Ganhou o Prêmio do Júri da mostra Un Certain Regard de Cannes, em sua estreia, em maio, e não parou mais de conquistar espaços... e aplauso. Seu currículo de conquistas já soma umas nove vitórias e um mar de críticas elogiosas.

Um de seus mais expressivos feitos foi ganhar a competição Horizontes Latinos na

Espanha, no Festival de San Sebastián. Agora, em Marrakech, é sua vez de conquistar a África árabe.

Tem muito tempo que a Colômbia não é listada entre as sensações cinematográficas de uma temporada. Isso ocorreu com peso há dez anos, quando "O Abraço da Serpente", de Ciro Guerra, explodiu na Quinzena de Cineastas de Cannes. Em 2022, houve outra lufada de êxito vinda de lá, com "Los Reyes Del Mundo", de Laura Mora, que ganhou a Concha de Ouro, na já citada San Sebastián. No entanto, a onda de entusiasmo que "Um Poeta" gera não parece ter igual entre os acertos autorais da pátria que emplacou joias como "A Vendedora de Rosas" (1998), de Victor Gaviria.

Seria um sonho para Oscar Restrepo, protagonista de "Um Poeta", um dia ser capaz de publicar versos como os de "De Los Gozos Del Cuerpo", de Harold Alvarado Tenorio, seu conterrâneo, mais velho (hoje octogenário... e aclamado), que escreveu (na vida real) estrofes de sabedoria. Segundo ele: "A amizade, velha moeda errante, agora é oferecida por anciães, / doentes, animais,

bêbados e loucos. / Nada sabem, os homens, dela: a fugitiva dos séculos". Esse é o tipo de ensinamento de que Oscar precisava no seu péríodo profissional pela arte de escrever. O anseio de ser grande – no continente que gerou Gabriela Mistral, Carlos Drummond de Andrade, Pablo Neruda, Raúl Zurita, Bruna Mitrano, Meira Delmar – levou a personagem central do longa de Mesa Soto a dedicar a vida à profissão da escrita. Só não teve o cuidado de maneirar na bebida e de saber frear a língua feroz. A falta de cuidado com esses dois aspectos impediu que a sua potência virasse ato. Assim, só lhe resta lamentar.

Diferentemente do motorista de ônibus metido a Baudelaire de "Paterson" (2016), do já citado Jim Jarmusch, que era um tipo cheio de alegria, Oscar é sorumbático. Perder é sua sina.

Na trama filmada em Super 16mm pelo realizador de "Leidi" (Palma de Ouro de Curta de Cannes em 2014), Oscar (interpretado com fluidez por Ubeimar Rios, um ator não-profissional) teve a chance de lançar dois livros e de dar aulas, o que, nem de longe, aplaca seu apetite por prestígio. A obra de

criadores como Alvarado Tenorio faz parte dos debates que ele tem com colegas de Letras ao mesurar o patrimônio poético de sua Colômbia, lutando mais por uns do que por outros. A pátria de Gabriel García Márquez viu brotar muitos faróis na literatura. Oscar almeja ser um. Se bebesse menos, era mais fácil chegar lá e não estaria, já quarentão, à mercê do quarto que tem na casa da mãe, rejeitado por entes queridos que poderiam amá-lo.

O verbo "desistir" é imposto pela vida a Oscar como um norte inescapável. A crença de que o poema pode levar quem escreve e quem lê à transcendência é o único combustível do seu sonho e da sua coragem. Essa gasolina parece encher também o tanque de uma jovem, Yurlady (Rebeca Andrade), que demonstra ter um talento nato para metáforas, metonímias, alterações, zeugmas e outras manhas do vernáculo espanhol. Na Medellín filmada por Mesa Soto numa fronteira ténue do naturalismo, ela é um indício de que a chama da invenção lírica arde onde o determinismo económico impõe silêncio e ausência.

Sob a granulação no quadro composto pelo diretor de fotografia Juan Sarmiento G., "Um Poeta" põe os lugares comuns históricos de aspereza da América Latina em foco ao mapear a construção de um projeto de parceria artesanal (entre mestre e aprendiz) num rastreio do que a euforia literária pode gerar de transformação prática. Oscar vê em Yurlady uma voz capaz de mudar os paradigmas da poesia na Colômbia. Nela existe virtude estética e a vivência singular das angústias da escazez. A questão: talvez ela só queira ser uma adolescente que faz as unhas enquanto curte, suavemente, o passar dos dias. Para a dinâmica cultural do assistencialismo, ela é um prato cheio para bolsas, projetos de incentivos, verbas públicas. Para Oscar, ela é a projeção do que ele não chegou a ser.

Com delicadeza e cirúrgica mirada sociológica, Mesa Soto foi premiado ainda em Lima, em Monique e em Melbourne. Pedra alguma parece estar em seu caminho.

Falando de nuestros hermanos em Marrakech, haverá no festival marroquino uma seção batizada de 11º Continente, dedicada a expressões autorais planetárias, onde entra em campo a argentina Lucrecia Martel. Ela participa do evento com o ensaio documental "Nuestra Tierra", sobre o assassinato do líder indígena Javier Chocobar. Ao lado dela está o galego Oliver Laxe, com "Sirât", que representa a Espanha na caça às estatuetas da Academia de Hollywood.

O encerramento de Marrakech será no dia 6, com a projeção do épico "Palestina 36", de Annemarie Jacir.

CORREIO CULTURAL



Wagner Moura põe a apresentadora para dançar

Wagner Moura faz Kelly Clarkson sambar em entrevista

Wagner Moura mostrou seu molejo e “molho” baiano no programa de Kelly Clarkson, na NBC. O astro de “O Agente Secreto” está nos Estados Unidos cimprindo extensa agenda de divulgação do longa que representa o Brasil no Oscar. A apresentadora arriscou uns passinhos, mas concluiu: “Não vou ficar tão sexy assim.”

Trajetória

“O Agente Secreto” já é o maior filme da carreira do diretor pernambucano Kleber Mendonça Filho ao atingir 750 mil espectadores – marca notável para um filme brasileiro em sua terceira semana de exibição no circuito nacional.

Trajetória III

A jornada pelos EUA segue no dia 5 de dezembro com estreia em Los Angeles, e, posteriormente, para todo o país. Esta é uma etapa importante para a temporada de premiações, já que amplia a visibilidade e engajamento do filme.

Reprodução/TV



A Casa de Rui Barbosa promove a 1ª FliRui

A Casa de Rui se abre aos livros

Evento gratuito reúne Maria Bethânia, Ailton Krenak e Cármem Lúcia, entre outros, em programação que conecta literatura e democracia

Por Affonso Nunes

A Fundação Casa de Rui Barbosa realiza entre sexta e domingo (28 a 30) sua primeira festa literária. A FliRui nasce com a proposta de ocupar integralmente o casarão neoclássico de Botafogo e seus jardins, transformando o local em espaço de encontro entre escritores, artistas e público, numa programação gratuita com o tema “Literatura e Democracia”.

O evento marca um momento significativo para a instituição ao promover, pela primeira vez, a ativação simultânea de todos os seus ambientes – jardins, auditório, salas de curso e áreas externas. A iniciativa integra o calendário de ações do Rio Capital Mundial do Livro. A abertura será marcada pela doação oficial de obras de Daniel Munduruku, Eliane Potiguara e Márcia

Marcela Canéro/Divulgação

A programação reúne nomes de diferentes gerações e áreas artísticas. Maria Bethânia fará leitura de poemas de Neide Archanjo, uma das homenageadas da edição. Ailton Krenak participa dos debates, enquanto a ministra do Supremo Tribunal Federal Cármem Lúcia integra as discussões sobre democracia e palavra. O cantor Lirinha prestará tributo a João Cabral de Melo Neto, e a atriz Dira Paes homenageará o romancista paraense Dalcídio Jurandir, ambos também celebrados nesta primeira FliRui. A festa recebe ainda os escritores angolanos Ana Paula Tavares, vencedora do Prêmio Camões 2025, e Ondjaki, laureado com o Prêmio José Saramago 2013, além de Geraldo Carneiro, Gringo Cardia, Bia Lessa, Amara Moira e André Dahmer.

Nos jardins, uma instalação poética apresenta trechos das obras dos três autores homenageados. O público poderá participar de debates, oficinas de escrita e ilustração, saraus, slam, apresentações teatrais, além de visitas noturnas à Biblioteca de Rui Barbosa. A programação inclui ainda atividades de oralidade e cultura de matriz africana, oficinas de contação de histórias indígenas e uma feira de editoras independentes organizada pela Livraria Books. Para as crianças, o tema “Democracia é Coisa de Criança” norteia atividades que aproximam os pequenos da leitura através do teatro e ações lúdicas.

A curadoria coletiva é coordenada pela editora literária Maria de Andrade, chefe do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, com conselho formado por Andressa Marques, Carla Santos, Daniel Munduruku, Éle Semog, Elisa Ventura, Isabel Werneck e Verônica Lessa, reunindo diferentes perspectivas do campo literário e da gestão cultural.

SERVIÇO

1ª FLIRUI - FESTA LITERÁRIA DA FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA

Fundação Casa de Rui Barbosa (Rua São Clemente, 134, Botafogo) | 28 a 30/11, a partir das 10h | Entrada franca

Uma vida invisível

Primeiro solo de Matheus Solano, 'O Figurante' integra a programação especial do festival que celebra os 60 anos do Teatro Gláucio Gill

Nesta quarta-feira (26) o Teatro Gláucio Gill recebe "O Figurante", comédia dramática que marca o primeiro monólogo de Matheus Solano, ator mais conhecido por papéis marcantes na televisão. O espetáculo integra o "Festival Todos no TGG - 30 Espectáculos em 30 dias" que celebra os 60 anos do teatro, chegando após percurso de sucesso que soma mais de 50 mil espectadores em diversas cidades brasileiras.

Escrito colaborativamente por Solano, por Miguel Thiré e por Isabel Teixeira, o texto nasceu através da técnica "Escrita na Cena", que envolve improvisações gravadas e trans-



critas para a construção final da dramaturgia. A estreia aconteceu em janeiro de 2025 no Teatro Renaissance em São Paulo, tornando-se sucesso imediato.

Em cena, Solano interpreta Augusto, um figurante dedicado do audiovisual que passa a questionar sua própria existência e seu lugar em um mundo que o mantém permanentemente

em segundo plano. O solo retrata o cotidiano de quem está sempre nas bordas, funcionando como metáfora para todos os invisibilizados em seus respectivos segmentos sociais. Através do dia-a-dia de um figurante, o espetáculo joga luz sobre todos os figurantes de todos os segmentos da sociedade, revelando como a vida segue para quem não

ocupa o centro das atenções.

A performance de Solano conquistou reconhecimento imediato. O ator venceu o Prêmio Prio do Humor de 2025 na categoria Melhor Performance por sua atuação. Também foi indicado ao Prêmio Bibi Ferreira 2025 na categoria Melhor Ator.

A direção de Miguel Thiré equilibra momentos de leveza e profundidade emocional, permitindo que Solano explore tanto o cômico quanto o trágico inerente à condição de figurante. O monólogo oferece experiência única onde cada detalhe — cada gesto, cada silêncio, cada palavra — comunica com precisão a invisibilidade estrutural que marca a vida de Augusto.

Desde sua estreia há quase um ano, o espetáculo tem circulado por cidades como Belo Horizonte, Vitória, São Luís, Gravataí, Porto Alegre e Campinas, sempre com sessões esgotadas e resposta entusiasmada do público. Em tempos de redes sociais e exposição contínua, a invisibilidade paradoxalmente intensifica-se para grandes grupos.

SERVIÇO

O FIGURANTE

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana)
26/11, às 20h | Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Conflitos internos

O Teatro Domingos Oliveira, no Planetário da Gávea, recebe até o dia 30 o monólogo "Dinossauro de Plástico", estrelado por Rafael Saraiva. A peça acompanha Marcelo, 25 anos, diante de um bar onde família e amigos o aguardam em mesas separadas. Incapaz de escolher entre os dois grupos, o protagonista hesita ao perceber que se comporta de forma diferente em cada contexto. Por meio de reflexões, o público conhece a trajetória do jovem desde a infância, suas relações familiares e de amizade e conflitos internos.

Leonardo Vilela/Divulgação



Cacá Bernardes/Divulgação

Compartilhamentos

O Teatro Riachuelo apresenta nesta quinta-feira (27), às 20h, a última sessão da temporada carioca do espetáculo "Eu de Você", com Denise Fraga. O solo de humor traz situações cotidianas através de personagens inspirados em histórias reais, como Fátima, Bruno, Clarice e Wagner. A atriz interpreta múltiplas figuras que exploram a alteridade e as experiências humanas compartilhadas. O trabalho propõe uma reflexão sobre empatia e a capacidade de enxergar o mundo pela perspectiva do outro, utilizando o humor como ferramenta de conscientização.



Nil Caniné/Divulgação

Clima ameaçado

Termina neste domingo (30) a temporada de "Nas Selvas do Brazyl" no CCBB RJ. Com dramaturgia de Pedro Kosovski e direção de Daniel Herz, o espetáculo traz Gustavo Gasparani e Isio Ghelman recriando a expedição histórica do Marechal Rondon e do ex-presidente estadunidense Theodore Roosevelt pelo Rio da Dívida, no início do século 20. A montagem dissolve as fronteiras entre atores e personagens enquanto aborda os desafios da jornada original e incorpora à trama temas atuais como as mudanças climáticas e ameaças às espécies.

Revisão afetiva

‘Borda’, da Lia Rodrigues Cia de Danças, encerra o Festival Panorama nesta sexta e sánado no João Caetano

A Lia Rodrigues Cia de Danças apresenta “Borda” nesta sexta e sábado (28 e 29), às 19h, no Teatro João Caetano, encerrando a programação do Festival Panorama 2025. O espetáculo, que teve sua première na Bienal de Lyon, marca um momento particular na trajetória da coreógrafa ao propor uma revisão afetiva de 35 anos de criação artística.

O conceito da obra parte dos múltiplos sentidos que a palavra “borda” pode assumir — desde a margem geográfica até o ato de bordar, costurando significados que atravessam questões de pertencimento, alteridade e demarcações sociais. Em cena, a companhia reúne figurinos, objetos e materiais acumulados ao longo de mais de três décadas de trabalho, propondo uma arqueologia cênica que transforma memória em matéria coreográfica. “Nasceu do desejo de revisitar a nossa própria história, de dar nova vida aos figurinos e objetos que acumulamos ao longo de



‘Borda’ fez sua estreia na Bienal de Lyon e chega ao Rio neste fim de semana

35 anos de criação”, explica Lia Rodrigues. “Reuni tudo isso no palco — materiais de diferentes épocas, tecidos, plásticos, memórias — e, a partir desse acervo afetivo, começamos a bordar um novo mundo, um organismo em que cada corpo, cada elemento, depende do outro.”

A coreógrafa, que se consolidou internacionalmente por uma dança visceralmente conectada a questões políticas e sociais, mantém em “Borda” essa característica de engajamento, mas sob uma perspectiva menos literal e mais porosa. A ideia de “lugar

intermediário” perpassa toda a montagem, manifestando-se tanto na ambiguidade do título quanto na materialidade da cena, onde fronteiras entre passado e presente, individual e coletivo, arte e vida se dissolvem e se recompõem continuamente. “É um convite para atravessar as fronteiras entre nós mesmos, para sonhar juntos e imaginar outras formas de estar no mundo”, completa a artista.

A trajetória de Lia Rodrigues, desde que voltou ao Brasil na década de 1990 após período de formação na Europa com Maguy Marin, é marcada por uma prática artística

Afrofuturismo no Rio

Grupo congolês Fulu Muziki faz sua estreia na cidade pelo projeto Caravana África Diversa

Por Affonso Nunes

A sexta edição da Caravana África Diversa chega ao Rio integrando a Temporada Cultural França-Brasil que marca dois séculos de amizade franco-brasileira e duas décadas desde a primeira Temporada Brasileira na França. O projeto reúne artistas, pesquisadores e grupos de tradições culturais imateriais de Camarões, Congo, Burkina Faso, além de representantes do

Maranhão e Minas Gerais, após passar por Nantes no início do mês.

O destaque da programação carioca nesta quinta-feira (27) é a estreia brasileira do coletivo congolês Fulu Miziki, às 19h, no Teatro Dulcina. Liderado por Pisco Crane desde 1999, o grupo constrói instrumentos musicais a partir de materiais descartados, criando paisagens sonoras que mesclam consciência ecológica e energia das pistas de dança. Lady Aicha comanda os vocais dessa proposta que alia futurismo audiovisual e reflexão sobre sustentabilidade, desenvolvida em residências artísticas pelo mundo.



Coletivo Fulu Miziki, do Congo

“Nossa programação aborda temas como meio ambiente e urgências climáticas, democracia, direitos humanos, lugares de memória da Rota dos Escravizados

que recusa a separação entre criação estética e transformação social. Radicada na Maré desde 2004, onde fundou o Centro de Artes da Maré em 2009 e a Escola Livre de Dança da Maré em 2011, a coreógrafa desenvolveu uma metodologia que coloca a dança em permanente diálogo com processos comunitários e contextos de vulnerabilidade. Obras como “Para que o Céu não Caia”, “Fúria” e “Encantado” evidenciam essa dança militante, que não abre mão do rigor formal enquanto se posiciona politicamente.

Reconhecida internacionalmente — foi condecorada com a medalha de Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras pelo governo francês e eleita melhor coreógrafa do ano pela revista Tanz em 2019 —, Lia mantém vínculos estreitos com instituições europeias importantes, sendo artista associada da Maison de la Danse e da Biennale de la Danse de Lyon, o que explica a estreia de “Borda” justamente na capital francesa antes de sua apresentação no país.

“Borda” propõe uma experiência que opera tanto no plano sensorial quanto conceitual, característico do trabalho da companhia. A reelaboração de materiais de arquivo articula memória e invenção, num exercício de bordar — termo que a coreógrafa usa literalmente — outras possibilidades de imaginação coletiva.

SERVIÇO

BORDA

Teatro João Caetano (Praça Tiradentes, Centro) | 28 e 29/11, às 19h
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

e enfrentamento ao racismo, por meio de seminário, oficinas, cortejos, apresentações artísticas e a publicação de uma revista”, destaca a curadora Daniele Ramalho. Ela reforça a conexão histórica entre as cidades-sede: “Rio de Janeiro e Nantes são cidades que foram marcadas no passado pelo tráfico de africanos em situação de escravidão e que hoje promovem reconhecimento e reparação. A Caravana África Diversa reafirma objetivo de ser aliada na luta pelo reconhecimento da importância da matriz africana na formação cultural brasileira e a difundir a cultura do Brasil no exterior”.

SERVIÇO

FULU MUZIKO

Teatro Dulcina (Rua Alcindo Guanabara, 19 - Cinelândia) | 27/11, às 19h
Entrada franca